Parcerias Comunitárias: Estudo multimétodo sobre Perceção de eficácia e resultados

Maria Vargas-Moniz & José Morgado

ISPA – Instituto Universitário

Resumo: As parcerias são relevantes para ativar recursos e intervir em situações complexas. Foi desenvolvido um estudo multimétodo com CPCJ's, para compreender como o clima social (procedimentos de tomada de decisão, resolução de conflitos, liderança inclusiva e missão partilhada) influenciam a perceção de influência, eficácia e resultados. Foram entrevistados 33 líderes e validados 244 questionários de eficácia percecionada a nível nacional. O modelo estrutural para estudar o papel do clima social no impacto na comunidade (influência, eficácia e mudança observada), obteve um bom nível de ajustamento Cfi =,930; Gfi =,838; RMSEA =,051; P (rmsea <=0.05) =,432. Concluiu-se que a presença de missão partilhada tem impacto significativo na influência e eficácia percecionadas, a liderança inclusiva aumenta a capacidade de influência na comunidade e que lidar positivamente com as divergências aumenta a capacidade da parceria na resposta aos desafios da proteção das crianças e jovens em risco.

Palavras-chave: Parcerias; Eficácia Percecionada; Investigação Multinível

INTRODUÇÃO

As parcerias comunitárias são contextos de partilha do poder, da responsabilidade e do desenvolvimento de interdependências entre organizações de natureza jurídica diversa (Brown, 2000; Bryson et al., 2006; Fawcett et al., 2000; Wolf, 2001). São também, segundo Chavis, (1995) ou Roussos & Fawcett (2000), uma forma de promover respostas coordenadas para problemas sociais complexos e ainda, "...um espaço de participação cívica e um tipo de estrutura aceite pelos que agem para construir comunidades mais saudáveis" (cf. Berkowitz, 2001, p.214).

São espaços ou contextos onde se congregam a diversidade, as oportunidades de articulação de uma visão e de definição conjunta de regras e procedimentos que estabeleçam a equidade entre pessoas e/ou grupos diversificados (Wolf, 2010). A participação em parcerias comunitárias implica o desenvolvimento de procedimentos de comunicação e de oportunidades de liderança para os seus membros (Imm, Chinman e Kaftarian, 2000). Devem orientar-se para acções concretas, o que habitualmente implica a capacidade de identificar as causas dos problemas ou dificuldades experienciadas, perscrutar os intervenientes na sua resolução e os papéis que podem desempenhar, bem como as estratégias de intervenção e os recursos relevantes para a implementação das ações (Gilian, Kaye, 1997).

Na última década desenvolveu-se uma base substancial de investigação focalizada na eficácia e nos resultados da ação de parcerias comunitárias a nível das comunidades e/ou populações na resposta direta e articulada a situações ou problemas sociais ou no desenvolvimento de programas de prevenção em domínios diversificados (Halfors et al. 2002; Roussos e Fawcett, 2000; Foster-Fishman, 2001), procurando-se compreender como parcerias comunitárias têm o potencial de influenciar a capacidade de uma comunidade em produzir mudança social. Os resultados de estudos sobre o percurso de parcerias comunitárias sugerem também que estas podem desempenhar um papel relevante no encorajamento das trocas inter-organizacionais e no desenvolvimento de sistemas integrados de prestação de serviços (Foster-Fishman, Berkowitz, Lounsbury, Jacobson & Allen, 2001), nem como na introdução de melhorias efectivas na comunicação entre organizações e as pessoas residentes nas comunidades (Abbot, Jordan e Murtaza, 1995).

Foster-Fishman et al. (2001), aprofundaram a ideia de colaboração no contexto de parcerias comunitárias procurando, através da revisão sistemática de um conjunto significativo de estudos, identificar as características chave e os processos que facilitam o sucesso do trabalho em parceria, tendo deste trabalho emergido quatro níveis gerais associados à capacidade dos membros em termos de conhecimento temático e abertura à colaboração, à capacidade relacional, nomeadamente a valorização da diversidade e ainda, as capacidades organizacional e programática, que remetem para uma liderança eficaz, orientação para objetivos concretos e para a inovação.

O interesse pelo estudo do clima social inspirou-se nos trabalhos de Moss (1973, 1979), onde se reconhece que alguns contextos são mais promotores de suporte entre os seus membros que potenciam assim a capacidade de concretização de tarefas e de lidar eficazmente com a divergência ou conflito. Gray (1985), sugere que os intervenientes devem procurar desenvolver uma apreciação tendencialmente convergente acerca do problema e ancorar a sua ação num conjunto similar de valores. No entanto, Bartunek et al. (1996), enfatiza que cada grupo interveniente numa parceria deve manter o carácter único da sua voz, ou da perspetiva que representa.

Segundo Allen (2005), para além da eficácia na resolução de problemas, a necessidade de partilha do poder e influência, no âmbito das parcerias comunitárias deve ser tida em consideração, que remete para uma conceptualização específica de liderança que estudos como os de Butterfoss, Goodman, Wandersman (1993); Kumpfer, Turner, Libret, Jr. (1993); Foster-Fishman (2001), sugerem como sendo inclusiva, promotora de empowerment e associada a um maior nível de satisfação dos seus membros. Estes resultados são consistentes com o estudo de Graça e Passos (2012), sobre a liderança de parcerias, designadamente as Comissões de Proteção de Crianças e Jovens, contexto similar onde decorreu este estudo.

Em consequência da multiplicidade conceptual das parcerias comunitárias, os trabalhos mais recentes têm vindo a realçar a relevância de as perspetivar em de níveis múltiplos de análise (Luke, 2005; Allen, 2005), agrupando as variáveis em clusters que, por sua vez, se enquadram em níveis diversificados. Por exemplo, Allen (2005), analisou 43 parcerias na área da prevenção e intervenção na violência doméstica, compostas por entidades representantes da justiça, saúde, educação, serviços de segurança social, organizações da sociedade civil, incluindo organizações religiosas e ainda empresas, concluindo que o clima inclusivo é crucial para o funcionamento de uma Parceria, enfatizando a existência de a) uma liderança inclusiva e encorajadora da participação dos parceiros; b) de partilha de poder no processo de tomada de decisão e c) a presença de uma missão partilhada.

Butterfoss (2007), enfatiza que os resultados do trabalho em parceria podem ser observados a nível individual, organizacional, inter-organizacional e comunitário ou de sistemas. A nível individual (mudanças nas circunstâncias concretas da vida dos habitantes ou membros da comunidade, no seu estatuto social, nos índices de qualidade de vida das pessoas concretas), a nível organizacional e inter-organizacional (defesa pública consistente uma causa, a adoção de novas políticas ou práticas, o aumento do conhecimento, a transferência de informação e ainda a ligação entre os vários sectores da comunidade). Finalmente, a nível comunitário (mudanças no ambiente físico e sociais).

Segundo Francisco, Fawcett, Schultz e Paine-Andrews (2000) ou Fawcett, et al. (2003), as parcerias comunitárias devem ser avaliadas em pelo menos três dimensões as infraestruturas e processos, a implementação de atividades e programas e finalmente, os resultados e mudanças na comunidade ou no contexto específico onde a parceria procurou intervir.

Considerando que a interação de uma parceria ou coligação com o seu ambiente é dinâmica e persistente ao longo do seu ciclo de vida (Habana-Hafner, Redd and Associates, 1999), identificam seis fatores contextuais associados ao sucesso do trabalho em parceria e

que são o historial, o clima social e político, as políticas sociais vigentes, os bens comunitários, o fator catalisador e a ligação entre os intervenientes.

Reconhecendo-se a diversificação conceptual e funcional das parcerias comunitárias e dos processos associados à sua construção e capacidade de produzir resultados efectivos ao nível das comunidades, para a investigação neste domínio é ainda relevante, segundo Zackocs e Edwards (2006), Abbot et al. (1995), Butterfoss et al. (1996), Yin et al. (1997), Braithwhaite et al. (2000); Backer (2003), Allen (2005), Berkowitz (2001) ou ainda, Chavis (2001), continuar a aferir os métodos e desenhos de investigação com a capacidade de analisar, tanto a sua estrutura como a sua orientação para resultados em termos de mudança social.

Deste modo, conclui-se que a investigação e avaliação do trabalho em parceria poderão resultar na adoção modelos e desenhos de investigação muito diversificados, privilegiandose tipologias de análise multinível e multicontexto.

METODOLOGIA

O método proposto neste estudo decorre da relevância atribuída à análise da perceção de eficácia e dos resultados produzidos pela intervenção das Comissões de Proteção de Crianças e Jovens, considerando que o seu desígnio é o de contribuir para aumentar a capacidade das comunidades locais para responder ao fenómeno da negligência, maus tratos físicos e emocionais nas crianças e jovens portugueses. As Comissões de Proteção de Crianças e Jovens são promulgadas por Lei (N° 147/ 99 de 1 de Setembro, alterada pela Lei N° 31/2003, de 22 de Agosto, e regulamentadas pelo Decreto-Lei N.º 332-B/2000, de 30 de Dezembro), pelo que todos os Concelhos do território nacional têm a responsabilidade de proporcionar as condições estratégicas e logísticas para implementar pelo menos uma destas Comissões. Esta realidade proporcionou uma oportunidade para estudar e procurar compreender a variabilidade de uma mesma proposta organizativa disponibilizada em todo o território português e particularmente os fatores explicativos da eficácia do trabalho em parceria na perspetiva dos seus membros.

Os objetivos propostos para este estudo sobre parcerias comunitárias foram identificar os fatores que contribuem para a eficácia e coordenação das suas respostas e conhecer as evidências dos resultados alcançadas pelo trabalho em parceira. Com base nos estudos de Allen (2005 e 2008), o clima social que é analisado a partir de subescalas sobre a perceção de eficácia na resolução de conflitos, a presença de uma visão ou desígnio partilhados e ainda, a liderança orientada para resultados; a estrutura, onde se perscrutam a participação dos membros de cada Comissão, se identificam os membros mais ativos, como se procede em termos da manutenção de estruturas formais de funcionamento e como são os procedimentos decisórios. Procura-se com este objetivo perceber em que medida se constatam ou não índices significativos de variabilidade quanto à sua eficácia percecionada.

Procurou-se ancorar este trabalho em pressupostos de utilidade (Glidewell, 1985; White, 1991; Maxwell, 1996; Steler, 2001), no sentido de os seus resultados poderem contribuir para responder a necessidades concretas das entidades envolvidas (Wandersman, 1999; Fetterman, 2001). Considerando que para este estudo foi fundamental a recolha de informação quantitativa e qualitativa, importa justificar que a adoção de uma abordagem multimétodo convergente na investigação de questões comunitárias (Susskind e Klein, 1985; Patton, 1990; Cresswell, 2002 Barker e Pistrang, 2005; Ornelas, 2008), decorre da abordagem de realidades sociais de elevados níveis de complexidade e multi-dimensionalidade como a eficácia percecionada e resultados de Comissões de Proteção de Crianças e Jovens.

Este estudo é de carácter quasi-experimental, pois são recolhidos dados através de fontes diferenciadas o que, segundo Trochim (2001), apresenta como vantagem o facto de que as perspetivas múltiplas decorrerem do reconhecimento de que o ponto de vista de apenas

um dos grupos intervenientes não se afigura como suficiente para estudar o fenómeno com validade, neste caso recolheram-se 33 entrevistas de informadores chave e foram validados 244 questionários de eficácia percecionada, recolhidos no território nacional e regiões autónomas, que foram analisados de forma agregada, isto é, os resultados de cada participante são analisados em função da CPCJ a que pertencem. A Entrevista de Informador-Chave é composta por vinte e sete questões, sendo que o primeiro grupo de doze questões procura caracterizar globalmente cada Comissão de Proteção procurando perscrutar informação acerca do seu objetivo primordial, alguma informação sobre o seu historial, a periodicidade das suas reuniões, tipologia de recursos humanos de que dispõe, da comunidade onde está implantada, das situações a que procura responder, se tem respostas específicas face a grupos na comunidade e como costuma responder quando confrontada com situações de risco ou perigo de crianças e jovens.

O questionário de eficácia de parcerias é composto por um total de 24 questões sobre a caracterização da participação dos membros das Comissões e para a identificação do sector da comunidade que representam. As secções seguintes remetem para subescalas que recorrem a escalas de likert de 1 a 6 e uma opção não sabe sobre temas como: a tomada de decisão, a gestão de conflitos, a Liderança, a presença de vião partilhada, os impactos na comunidade.

Neste estudo a conjugação de dados quantitativos e qualitativos proporcionou-se pelo tipo de instrumentos selecionados, que foram as entrevistas de informador-chave para os(as) líderes formais ou quem no momento da entrevista exercia funções de coordenação e um questionário para analisar um conjunto de constructos, recorrendo a diversas subescalas sobre eficácia percecionada para os membros da parceria que representam instituições e serviços da comunidade. Ainda segundo Fisher et al. (2001), realça-se que os métodos qualitativos quando combinados com métodos quantitativos aumentam significativamente as possibilidades de explicitação das evidências, pois permitem captar a natureza dinâmica, complexa e diversificada do trabalho em parceria e corporizar o que Allen et al. (2008) referem como as tentativas de se perceber sobre que falam os intervenientes e o que acontece nas parcerias.

Considerando que os instrumentos selecionados proporcionaram uma estrutura lógica para a análise dos resultados obtidos, com os fatores associados ao clima social (envolvimento nas decisões, gestão de conflitos, liderança inclusiva e missão partilhada), por um lado e, por outro os impactos da parceria na comunidade, propõe-se um modelo para a análise fatorial confirmatória (Maroco, 2010), estruturado a partir de um modelo lógico de análise dos componentes principais que permitiu concluir que os 18 itens que compunham a subescala designada por "impactos na comunidade" tinham um carácter multidimensional compreendendo componentes que se designaram por mudança observada, eficácia percepcionada e influência, utilizando a regra para Eigenvalues superiores a 1, o que permitiu obter-se um total de variância explicada de 77,8% e KMO, 877.

Para a análise qualitativa dos dados começou por aplicar-se um método de redução de dados (Licoln e Guba, 1985, Maxwell, 1996, Bernard e Ryan, 2010), por ser pertinente para enquadrar os inúmeros relatos e pequenas histórias acerca de como se desenvolve o trabalho de cada Comissão. Perscrutou-se assim compreender como os dirigentes perspetivam a eficácia do trabalho em parceria que desenvolvem, que resultados constatam e como podem ser observados a partir das suas ações.

Os resultados descritivos (média, moda e desvio padrão) das variáveis analisadas permitem apenas obter uma tendência global dos resultados, não proporcionando informação específica, pelo que o estudo do clima organizacional carece de uma reflexão mais aprofundada pois os resultados observados podem estar associados a efeitos individuais ou a efeitos de grupo (Florin et al, 1990). Deste facto decorreu a necessidade de se adotar uma técnica que permitisse separar fatores eminentemente individuais dos grupais, tornando-se assim pertinente a analisar os resultados dos constructos associados ao clima

social utilizados neste estudo, agregando os participantes aos seus grupos de pertença para obter o grau de variabilidade nos resultados individuais intra-grupo, bem como o resultado médio de cada grupo no sentido de depurar o efeito global da média dos resultados de grupo. O resultado final a nível individual foi assim ajustado pela subtração da média do grupo em cada item das subescalas incluídas no estudo, sendo estes os dados utilizados para proceder à análise fatorial confirmatória.

RESULTADOS

No que concerne os participantes neste estudo, distribuídos pelos dois grupos os Líderes (N=33) e os membros das CPCJ's (N=244) caracterizaram-se da seguinte forma quanto ao Sexo Feminino 78,8 %(Líderes) e 69,8% (Membros) / Masculino 21,2% (Líderes) e 17,1% (Membros). Quanto à distribuição etária (ver tabela 1).

Idade	Líderes (N= 33)	Membros (N= 244)
20-29	-	14,9%
30-39	18,2%	32,7%
40-49	51,5%	23,5%
50-59	27,3%	13,2%
50 +	3,0%	2,5%

Tabela 1: Distribuição Etária dos Participante

Quanto à perceção geral de eficácia segundo os líderes das CPCJ's apresenta-se a figura que combina resultados qualitativos e testemunhos explicativos dos resultados descritos. Em termos de panorama geral constatou-se uma melhoria global na perceção de eficácia antes e depois do surgimento das CPCJ's para as 33 Comissões que participaram no estudo, sendo que a média se alterou de um valor médio de algo eficaz 3.06, para 4.88 (Ver figura 1).

Perceção de Geral de Eficácia antes e depois das CPCJ's segundo os Líderes (n=33) Depois Antes ENT Comentários/ Palayras Chaw [EIChLG5] [EIChST Maior Envolvimento Era tudo muito pontual, e sem critérios [EICHALM] Sinalização/Visibilidade Tudo era permitido [EICHBRR] Maior Responsabilidade Só havia o Pai de Menores [EICHFCH] Comunidade mais atenta Assituações não tinham Agora sabe-se que existe uma Comissão [EICHPVT] Capacidade de intervir numa situação de emergência

Figura 1: Análise descritiva e qualitativa da perceção geral de eficácia segundo os líderes

Para a análise dos resultados do questionário de eficácia de parcerias com 244 participantes e depois do procedimento de centragem à média do grupo, construiu-se um modelo de análise fatorial confirmatória com base dos dados da para o qual se obteve-se um bom nível de ajustamento [Cfi =,930; Gfi =,838; RMSEA =,051; P (rmsea <=0.05) =,432]. O resultado alcançado indiciou que as dimensões eficácia percecionada e influência estão significativa e positivamente correlacionadas e que a dimensão mudança apresenta

resultados que indiciam menor capacidade para explicar as mudanças observadas na comunidade (Ver figura 2).

No que concerne a covariância e correlação entre os constructos associados ao clima social e os associados aos impactos do trabalho da parceria na comunidade, os resultados do modelo indicam que (D), (C), (L) e (M) têm índices de covariância com um p <0,001 em valores como SD/If = 7,267; R = 0,21 *** p < 0,001, o mais alto e o mais baixo, mas também significativo SC/Ef = 5,111; R = 0,47 *** p <0,001 e ainda SD/Ef = 3,069; R = 0,69 ** p <0,01. No modelo construído realça-se ainda o resultado não significativo SC/M= 1,894; R=.17 ns., em que não se conclui pela covariância significativa, apesar da correlação ser de sentido positivo na gestão de conflitos e a mudança, que no modelo estrutural emerge como significativa.

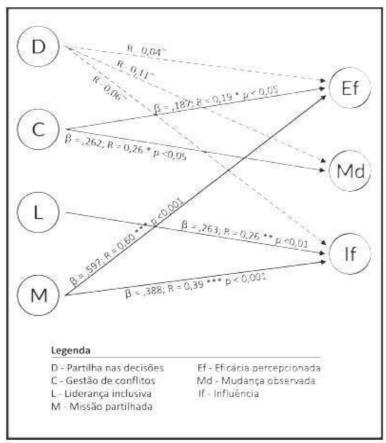


Figura 2: Modelo estrutural do Clima Social e Eficácia Percecionada de Parcerias Comunitárias

Deste modo, procurando responder à questão de partida acerca da relação entre o clima social e os impactos do trabalho da parceria na comunidade, construiu-se um modelo genérico a partir do qual se conclui que a presença dos constructos associados ao clima social têm a capacidade de predizer níveis mais elevados de impacto na comunidade, nomeadamente no que diz respeito à eficácia percecionada por parte dos membros das CPCJ's e para a influência que consideram ter na comunidade. A partir do modelo estrutural apresentado, conclui-se que a presença dos constructos associados ao clima social têm a capacidade de predizer níveis mais elevados de impacto na comunidade, nomeadamente no que diz respeito à eficácia percecionada por parte dos membros das CPCJ's e para a influência que consideram ter em torno da sua proteção face ao risco e/ou perigo. Considerando a multidimensionalidade dos impactos na comunidade do trabalho

em parceria desenvolvido por estas Comissões, para a dimensão influência concluiu-se que 53% da variância estava explicada e 32% da variância para a dimensão influência, no entanto para a dimensão.

Através deste procedimento, concluiu-se da relevância e aplicabilidade dos modelos estruturais para conferir visibilidade acerca da complexidade das interações dos constructos associados ao trabalho em parceria, criando evidência acumulada, mesmo que fortemente determinada por influências ecológicas. Mesmo reconhecendo que cada parceria tem um carácter único e corresponde a uma narrativa e a um contexto únicos (cf. Wolf, 2010), é possível inferir que a presença de determinados elementos ou procedimentos afeta, de forma decisiva, a eficácia percecionada das intervenções sociais e a influência que determinado grupo que trabalha em parceria considera ter na comunidade.

CONCLUSÕES

Segundo Shinn (2007), uma questão central para a Psicologia Comunitária é a do entendimento do comportamento humano de forma contextualizada ou passível de ser validado ecologicamente, podendo os contextos ser organizados em esferas proximais e distais, como por exemplo, considerar a variabilidade ou a multiplicidade dos indivíduos, as organizações ou estruturas como base de análise ou ainda o desenvolvimento de padrões de interação ou reciprocidade entre os indivíduos, grupos ou sistemas sociais. Por seu turno, Hawkins e Catalano (2002), realçam a relevância da adoção de pressupostos científicos na abordagem aos problemas da comunidade, a importância dos níveis de articulação interinstitucional e dos diversos sectores da comunidade.

No que diz respeito à perceção de eficácia, isto é, a capacidade dos membros das Comissões e dos seus líderes afirmarem a medida em que consideram que a sua ação é eficaz no cumprimento dos objetivos e em que medida consideram influenciar a comunidade a que se dirigem e perante os trabalhos desenvolvidos por Allen (2005) e Allen et al. (2008 e 2011), constata-se que apesar de alguma variabilidade nas respostas quanto ao papel que o Clima Social pode desempenhar na capacidade das parcerias comunitárias aumentarem a sua capacidade de eficácia e influência percecionadas, os resultados gerais tendem para uma certa confluência com exceção do papel desempenhado pelos procedimentos partilhados na tomada de decisões que neste estudo emerge como não significativa nos trabalhos de Allen (*Ibidem*), apresentam um resultado significativo segundo uma das líderes "continua a haver muitas diferenças de funcionamento entre as várias Comissões; diferenças no apoio logístico, formas de funcionamento." [EiChALM].

Deste modo, considera-se que apesar deste estudo ter proporcionado um conjunto de dados sistemáticos, ter sido possível desenvolver um modelo estrutural preditivo da eficácia e influência percecionadas do trabalho de parcerias em contextos comunitários, emergiram novas questões, novos problemas e considera-se que a investigação nesta área tem ainda imensas potencialidades por explorar e novas abordagens com narrativas mais aprofundadas e mecanismos de análise em parcerias diversificadas carecem ainda de desenvolvimento e aprofundamento.

AGRADECIMENTOS

Agradece-se a todos os líderes e membros das CPCJ's participantes neste estudo, ao Presidente da Comissão Nacional, ao Prof. Doutor João Maroco pelo suporte na análise dos dados e ao Prof. Doutor José Ornelas pela inspiração e suporte. Foi também inestimável o suporte concedido por mestrandos e colaboradores no percurso deste trabalho, foi uma honra trabalhar com todos(as), desde a etapa de tradução e adaptação dos instrumentos à recolha e tratamento dos dados.

CONTACTO PARA CORRESPONDÊNCIA

Maria Vargas-Moniz, ISPA – Instituto Universitário, maria_moniz@ispa.pt

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abbot, B. Jordan, P. e Murtaza, N. (1995). Interagency collaboration for children's mental health services: the San Mateo County model for managed care. Administration and Policy in Mental Health, 22 (3), 301-313
- Allen, N. E. (2006) An examination of the effectiveness of domestic violence coordinating councils. Violence against Women, 12(1), 46–47
- Allen, N. E. (2005) A Multilevel Analysis of Community Coordinating Councils. American Journal of Community Psychology, 35 (1/2), 49-63
- Allen, N.E. (2008) A Qualitative Study of the Activities and Outcomes of Domestic Violence Coordinating Councils American Journal of Community Psychology 41 (1/2), 63-73
- Backer, T. (2003) Evaluating Community Collaborations New York: Springer Publishing Company
- Bartunek, J.M., Foster-Fishman, P.G.; Keys, C.B. (1996) Using collaborative advocacy to foster intergroup cooperation: A joint insider-outsider investigation. Human Relations, 49(6), 701-731.
- Berkowitz, B. (2001) Studying the outcomes of community based coalitions. American Journal of Community Psychology, 29 (2), 213-227
- Braithwaite, R., Taylor, S., Austin, J. (2000) Building Health Coalitions in the Black Community. Thousand Oaks: Sage
- Butterfoss, F.D. (2007) Coalitions and Partnerships in Community Health San Francisco: Jossey-Bass
- Capacity in Community Coalitions: A review and integrative framework. American Journal of Community Psychology, 29(2), 241-261.
- Chavis, D.M. (2001) The Paradoxes and Promise of Community Coalitions, American Journal of Community Psychology, 29 (2), 309-320.
- Fawcett, S., Francisco, V., Paine-Andrews, A., Schultz, J (2000). "Working together for healthier communities: A research memorandum of collaboration" *Public Health Reports*, 115 (2/3), 174-179
- Foster-Fishman, P.G.; Berkowitz, S.L.; Lounsbury, D.W.; Jacobson, S. & Allen, N. (2001) Building Collaborative
- Glidewell, J.C.(1985) In Susskind, C.; Klein, D. Community Research: Methods, paradigms and applications. NY: Praeger Publishers
- Goodman, R. Wandersman, A. (1994) FORESCAST: A formative approach to evaluation community coalitions and community-based interventions. Journal of Community Psychology, CSAP Special Issue.
- Graça, A.M.; Passos, A.M (2012) O papel da liderança de equipas no contexto das Comissões de Protecção de Crianças e Jovens. In Claheiros, M.M., Garrido, M.V.; Santos, S.V. (Eds.) Crianças em Risco e Perigo: Contextos, Investigação e Intervenção. Lisboa: Edições Sílabo, Lda., pp. 53-76
- Gray, B. (1985) Conditions Facilitating interorganizational collaboration. Human Relations, 38(19), 911-
- Habana-Hafner, S., Redd H.B. And Associates (1989) Partnerships for Community Development: Resources for Practitioners and Trainers. Amherst: University of Massachusetts Center for Organizational and Community Development.
- Hallfors, D.; Godettet, D. (2002) Will the `Principles of Effectiveness' improve prevention practice? Early findings from a diffusion study Health Education Research N° 17 (4), 461-470.

- Kumpfer, K. Turner, C., Hopkins R., Librett. (1993) Leadership and team effectiveness in community coalitions for the prevention of alcohol and other drug abuse. Health Education Research, 8 (3), 359-374
- Roussos, S., Fawcett, S. (2000) A review of collaborative partnerships as a strategy for improving community health Annual Review of Public Health 21,369-402.
- Yin, R.K., Kapftarian, S.J., Yu, P.; Jansen, M.A. (1997) Outocmes from CSPA'S Community Partnership Program: Findings from the national cross-site evaluation. Evaluation and Program Planning, Vol. 20, N° 3, 345-355
- Maxwell, J.A., Lincoln, Y.S. (1990) Methodology and Epistemology: A dialogue. Harvard Educational Review, 60(4), 497-512.
- Wandersman, A., Goodman, R.M. (1991) Community Partnerships for Alcohol and Other Drug Prevention. Family Resource Coalition, 10, 8-9
- Fetterman, D., Kaftarian, S.J., Wandersman, A. (1996) Empowerment Evaluation: Knowledge, Tools for Self-Assessment and Accountability. Thousand Oaks, CA: Sage Publications
- Susskind, C.; Klein, D. Community Research: Methods, paradigms and applications. NY: Praeger Publishers
- Patton, M.Q. (1990) Qualitative Evaluation and Research: Methods and Applications. Newbury Park: Sage Publications
- Cresswell, J.W. (2002) Research design: Qualitative, quantitative and Mixed Methods Approaches (2nd Edition) Thousand Oaks: Sage.
- Ornelas, J. (2008) Psicologia Comunitária. Lisboa: Fim de Século
- Licoln, Y.S.; Guba, E.G. (1985) Naturalistic Inquiry. Newbury Park: Sage Publications
- Florin, P.; Giamartino, G.A.; Kenny, D.A., Wandersman, A. (1990) Levels of Analysis and Effects: Clarifyng group influence and climate by separating individual and group effects. *Journal of pplied Social Psychology*, 20, 11, 881-900